Perspectiva social do envelhecimento

FUTURIDADE
PLANO ESTADUAL
PARA A PESSOA IDOSA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

José Serra
Governador

Rita Passos
Secretária Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social

Nivaldo Campos Camargo
Secretário Adjunto

Carlos Fernando Zuppo Franco
Chefe de Gabinete

Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social – SEADS

Departamento de Comunicação Institucional – DCI
Paulo José Ferreira Mesquita
Coordenador

Coordenadoria de Gestão Estratégica – CGE
Cláudio Alexandre Lombardi
Coordenador

Coordenadoria de Ação Social – CAS
Tânia Cristina Messias Rocha
Coordenadora

Coordenadoria de Desenvolvimento Social – CDS
Isabel Cristina Martin
Coordenadora

Coordenadoria de Administração de Fundos e Convênios – CAF
Carlos Alberto Facchini
Coordenador

Fundação Padre Anchieta

Paulo Markun
Presidente

Fernando Almeida
Vice-Presidente

Coordenação Executiva – Núcleo de Educação
Fernando Almeida
Fernando Moraes Fonseca Jr.
Mônica Gardeli Franco

Coordenação de Conteúdo e Qualidade
Gabriel Priolli

Coordenação de Produção – Núcleo de Eventos e Publicações
Marilda Furtado
Tissiana Lorenzi Gonçalves

Equipe de Produção do Projeto

Coordenação geral
Áurea Eleotério Soares Barroso
SEADS
Fernando Moraes Fonseca Jr.
Fundação Padre Anchieta

Desenvolvimento
SEADS
Elaine Cristina Moura
Ivan Cerlan
Janete Lopes
Márcio de Sá Lima Macedo

Organização dos conteúdos/textos
Áurea Eleotério Soares Barroso

Colaboradores
Clélia la Laina, Edwiges Lopes Tavares, Izildinha Carneiro, Ligia Rosa de Rezende Pimenta, Maria Margareth Carpes, Marilena Rissuto Malvezzi, Paula Ramos Vismona, Renata Carvalho, Rosana Saito, Roseli Oliveira

Produção editorial
Maria Carolina de Araujo
Coordenação editorial
Marcia Menin
Copidesque e preparação
Paulo Roberto de Moraes Sarmento
Revisão

Projeto gráfico, arte, editoração e produção gráfica
Mare Magnum Artes Gráficas

Ilustrações
Adriana Alves

UMA REALIZAÇÃO
FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

Direitos de cópia

Serão permitidas a cópia e a distribuição dos textos integrantes desta obra sob as seguintes condições: devem ser dados créditos à SEADS – Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo e aos autores de cada texto;
esta obra não pode ser usada com finalidades comerciais; a obra não pode ser alterada, transformada ou utilizada para criar outra obra com base nesta;
esta obra está licenciada pela Licença Creative Commons 2.5 BR
(informe-se sobre este licenciamento em http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/)

As imagens fotográficas e ilustrações não estão incluídas neste licenciamento.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dal Rio, Maria Cristina
Perspectiva social do envelhecimento / Maria Cristina Dal Rio, Danilo Santos de Miranda ; [coordenação geral Áurea Eleotério Soares Barroso]. -- São Paulo : Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social : Fundação Padre Anchieta, 2009.

Bibliografia.

1. Administração pública 2. Cidadania 3. Envelhecimento 4. Idosos - Cuidados 5. Planejamento social 6. Política social 7. Políticas públicas 8. Qualidade de vida 9. Serviço social junto a idosos I. Miranda, Danilo Santos de. II. Barroso, Áurea Eleotério Soares. III. Título.

09-09482 CDD-362.6

Índices para catálogo sistemático:
1. São Paulo : Estado : Idosos : Estado e assistência e desenvolvimento social : Bem-estar social 362.6
2. São Paulo : Estado : Plano Estadual para a Pessoa Idosa-Futuridade : Bem-estar social 362.6

Perspectiva social do envelhecimento

[...] *nós envelheceremos um dia, se tivermos este privilégio. Olhemos, portanto, para as pessoas idosas como nós seremos no futuro. Reconheçamos que as pessoas idosas são únicas, com necessidades e talentos e capacidades individuais, e não um grupo homogêneo por causa da idade.*

Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU.

Prezado(a) leitor(a),

Temos a grata satisfação de fazer a apresentação deste material elaborado pela Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo (Seads) e pela Fundação Padre Anchieta – TV Cultura.

Um dos objetivos do Plano Estadual para a Pessoa Idosa do Governo do Estado de São Paulo – Futuridade, coordenado pela Seads, é propiciar formação permanente de profissionais para atuar com a população idosa, notadamente nas Diretorias Regionais de Assistência Social (Drads).

No total, esta série contém dez livros e um vídeo, contemplando os seguintes conteúdos: o envelhecimento humano em suas múltiplas dimensões: biológica, psicológica, cultural e social; legislações destinadas ao público idoso; informações sobre o cuidado com uma pessoa idosa; o envelhecimento na perspectiva da cidadania e como projeto educativo na escola; e reflexões sobre maus-tratos e violência contra idosos.

Com esta publicação, destinada aos profissionais que desenvolvem ações com idosos no Estado de São Paulo, o Futuridade dá um passo importante ao disponibilizar recursos para uma atuação cada vez mais qualificada e uma prática baseada em fundamentos éticos e humanos.

Muito nos honra estabelecer esta parceria entre a SEADS e a Fundação Padre Anchieta – TV Cultura, instituição que acumula inúmeros prêmios em sua trajetória, em razão de serviços prestados sempre com qualidade.

Desejo a todos uma boa leitura.

Um abraço,

Rita Passos
Secretária Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social

Sumário

Construção de novas formas de sociabilidade no processo de envelhecimento e na velhice
Maria Cristina Dal Rio ***11***

Centros e grupos de convivência de idosos ***17***

Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATIS) ***20***

Associações de aposentados ***23***

Considerações ***25***

Sugestões para atuação ***26***

Referências bibliográficas ***27***

Socialização e participação dos idosos: o caso SESC
Danilo Santos de Miranda ***29***

Breve histórico dos programas de cultura e lazer para idosos ***31***

O trabalho em grupo como estratégia ***37***

Objetivos do Trabalho Social com Idosos do SESC-SP ***38***

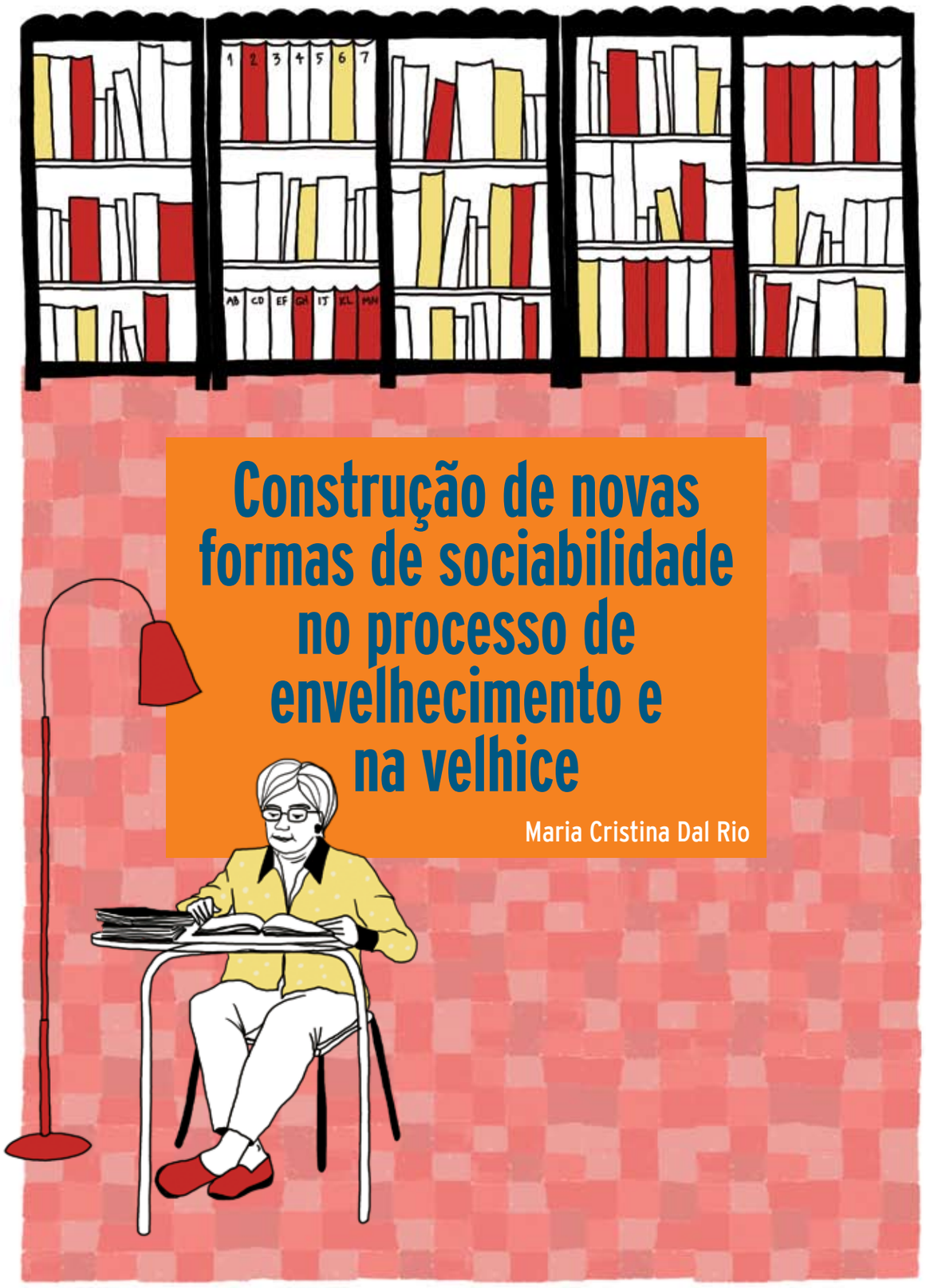
Um novo programa: SESC Gerações ***40***

A educação pelo lazer e para o lazer ***42***

A contribuição social das pessoas idosas ***43***

Considerações finais e perspectivas ***44***

Referências bibliográficas ***47***



Construção de novas formas de sociabilidade no processo de envelhecimento e na velhice

Maria Cristina Dal Rio

Maria Cristina Dal Rio é assistente social, especialista em gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, mestre em gerontologia pela PUC-SP. Primeira classificada no 3º Prêmio Banco Real Talentos da Maturidade, na categoria monografia. Autora do livro *O trabalho voluntário: uma questão contemporânea e um espaço para o aposentado*. Coordenadora de cursos de aperfeiçoamento e extensão em gerontologia social e políticas públicas de proteção ao idoso do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Experiência como professora em universidades abertas e coordenadora de grupos de convivência para a terceira idade.

No fim tu hás de ver que as coisas
mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

Mario Quintana,
"O que o vento não levou".

Por muito tempo, em nossa sociedade, grande parte dos indivíduos que envelheciam vivia um processo de isolamento, alguns pela fragilização das relações sociais quando deixavam o mundo do trabalho e outros, em geral mulheres, pela diminuição das obrigações familiares à medida que os filhos conquistavam sua independência.

Desde as décadas de 1960 e 1970, cada vez mais pessoas estão vivendo o processo de envelhecimento sem sucumbir à imposição de afastamento, porque têm sido seres ativos capazes de dar respostas originais aos desafios que encontram em seu cotidiano, redefinindo sua experiência para, assim, se contrapor aos estereótipos ligados à velhice.

A sociedade ocidental criou vários tipos de associações para atender a suas necessidades de consumo, nos quais se inserem os programas para a terceira idade.

Uma das características desse novo modo de ser vem propiciando o encontro, o agrupamento de idosos de maneira organizada em torno de interesses comuns e com variados propósitos. Tal fenômeno está criando formas de sociabilidade próprias desse segmento etário.

"Socialização" é um termo amplo que indica que o ser humano, desde que nasce, não apenas está sujeito às influências da sociedade de que participa e ajuda a construir, como também a influencia. É universal nas sociedades "com elevados níveis de mudança social, que obrigam seus membros de qualquer idade a uma constante assimilação de conhecimentos e de formas de atuar" (Moragas, 1997, p. 101).

A socialização é o processo pelo qual as pessoas se juntam para satisfazer os próprios desejos, incorporando seus impulsos e interesses. Transforma o isolamento individual em modos de ser e estar com o outro e para o outro, segundo Simmel (1983).

Para esse autor, a sociedade é produto da "sociação", isto é, da agregação dos indivíduos entre si e com os outros em determinado contexto social. É construção permanente, perpassada pelo jogo da sociabilidade, que envolve formas de convivência, relações de aproximação e separação, ações e reações de reciprocidade, consenso, conflito, dominação-subordinação. A sociabilidade se realiza no prazer da conversa, da troca, do convívio, nas festas, nas reuniões sociais, nas homenagens, mas precisa ser significativa e agrupadora.

Necessidades e interesses específicos – econômicos, religiosos, profissionais, de idade, de gênero – aproximam as pessoas em associações que trazem o sentido de unir, de estar junto. Entretanto, é difícil manter a sociabilidade quando vivenciada por indivíduos de classes sociais diferentes.

WALTER CRAVEIRO

Atividades no Centro de Esporte, Cultura e Lazer, Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (PEFI).

Motta (2004) frisa que na sociedade ocidental moderna, em contraposição às megaestruturas do setor produtivo e ao individualismo, observa-se o florescimento espontâneo da vida em pequenos grupos – patotas, tribos, facções –, como continuidade do modelo das relações existentes nas instituições e espaços tradicionais – família, escola, vizinhança, trabalho. Essa sociedade criou, também, vários tipos de associações para atender a suas necessidades de consumo, como grupos de convivência, cursos, escolas e clubes, nos quais se inserem os programas para a terceira idade.

Tais programas, ligados, desde seu surgimento, à iniciativa pública e a órgãos assistenciais e empresariais, são organizados por agentes de gestão da velhice, que, preocupados com um envelhecimento bem-sucedido, oferecem serviços e equipamentos para grupos cada vez

maiores que possibilitam, entre outros aspectos, a sociabilidade. Motta menciona que, pelo menos no início dos grupos, a sociabilidade é dirigida, ou seja, as pessoas não escolhem com quem se reunir, mas, com o tempo, o dinamismo das relações sociais pode gerar modos espontâneos de convivência, como a camaradagem e a amizade, formas puras de sociabilidade.

Os programas para a terceira idade, próprios dos dias de hoje, são bem-aceitos pelos idosos, pois lhes permitem construir relações novas e positivas com pessoas da mesma geração, fora do círculo familiar, descobrir ou reencontrar papéis, participar de uma rede de solidariedade e troca de afetos, melhorando a autoestima, reconstruir um projeto de vida, preencher o tempo livre, criar um espaço para sua

WALTER CRAVEIRO

Atividade física no PEFI.

existência (Motta, 2004). Nas últimas décadas, tem crescido a visibilidade da população brasileira que envelhece, não apenas pelo aumento desse segmento demográfico, que é heterogêneo, mas também por uma mudança de atitude: os idosos tornaram-se mais participantes, reivindicativos e politicamente organizados pelo desejo de melhorar sua qualidade de vida e definir seu lugar na sociedade.

Abordaremos aqui as formas mais comuns de sociabilidade dos idosos em nosso meio: centros e grupos de convivência de idosos, universidades abertas à terceira idade e associações de aposentados.

Centros e grupos de convivência de idosos

Os centros e grupos de convivência de idosos[1] são formas de associativismo que começaram a ser implementadas no Brasil na década de 1960, como alternativas de convivência e participação de idosos saudáveis que viviam isolados, sobretudo em decorrência da diminuição do número de membros da família, dos baixos rendimentos da aposentadoria e da inexistência de políticas públicas de proteção.

1. Utilizam-se "centros" para designar "núcleos que não pertencem a determinada instituição, embora possam receber subsídios públicos ou privados", e "grupos", para "aqueles que, além de pertencerem a uma entidade, reúnem-se em suas dependências", como proposto por Ferrigno, Leite e Abigalil (2006, p. 1.436).

Segundo Ferrigno, Leite e Abigalil (2006), eles têm como objetivos gerais a melhoria da qualidade de vida em todos os aspectos e o exercício da cidadania; já os objetivos específicos são: socialização, ou ressocialização, no que se refere ao envelhecimento, como processo que reconstrói as relações rompidas após muitos anos de desempenho de papéis estabelecidos – marido, pai, trabalhador, por exemplo – e que leva a aprender as obrigações e direitos de novos papéis – viúvo, avô, aposentado etc. (Moragas, 1997); a atualização de conhecimentos; a aquisição de novas habilidades; a reflexão sobre o processo de envelhecimento; a integração às demais gerações; o desenvolvimento de projetos de vida.

A socialização é a meta central dos centros e grupos de convivência de idosos, que utilizam como estratégia o trabalho coletivo, com atividades regulares e permanentes que incentivam o convívio, desenvolvendo habilidades nas relações interpessoais. Estruturadas de acordo com o interesse comum ou propostas pelos coordenadores, as atividades permitem adquirir novos conhecimentos, muitas vezes sobre a terceira fase da vida e as contínuas mudanças da realidade. Possibilitam trocar experiências, estabelecer vínculos de amizade, partilhar preocupações e sentimentos, viver situações inéditas. Transformam as histórias individuais compartilhadas em história coletiva, construída com base em um novo conceito sobre envelhecimento e velhice. Exercem poder restaurador da afetividade e da autoestima e servem até de estímulo para retorno ao mercado de trabalho. Evitam o isolamento e a solidão e criam espaço para a participação, para a integração social.

A socialização é a meta central dos centros e grupos de convivência de idosos, que utilizam como estratégia o trabalho coletivo.

As propostas variam nos vários grupos, mas comumente envolvem atividades de lazer, culturais, educacionais, de geração de renda, trabalhos manuais e corporais, grupos de reflexão.

A coordenação dos grupos é muito diversa e tem sido exercida por profissionais das áreas de ciências humanas e sociais, educação física, fisioterapia, terapia ocupacional, entre outras, e por pessoas da comunidade com características de liderança, em geral mulheres da mesma geração. Os coordenadores não têm necessariamente conhecimento sobre o processo de envelhecimento e velhice.

São inegáveis a aceitação e a participação cada vez maior dos idosos nos trabalhos coletivos, sobretudo daqueles com menor poder aquisitivo, baixo nível cultural e do sexo feminino. A nucleação e a manutenção desses grupos são preconizadas pela Política Nacional do Idoso, pelo Estatuto do Idoso e pelas novas demandas, posturas e exigências dos movimentos sociais da terceira idade.

WALTER CRAVEIRO

Grupo de vôlei no Pefi.

Assim, o conteúdo da programação de alguns grupos de convivência se flexibiliza e agrega atividades que estimulam a conscientização para o exercício da cidadania e para o protagonismo dos idosos. No entender de Ferrigno, Leite e Abigalil (2006, p. 1.436), a metodologia de trabalho está em processo de evolução

> *de práticas sociais tuteladas para possibilidades de ações transformadoras, colocando nas agendas do governo, das famílias, da sociedade e do próprio idoso novas ideologias, valores e programas que possibilitarão práticas de ações e articulações políticas, bem como o acesso aos serviços que contribuirão para o envelhecimento digno, ativo e saudável.*

Os autores indicam estar em curso um dos maiores desafios para os centros e grupos de convivência de idosos: a mudança de paradigma da *prática do lazer* para o *exercício da cidadania.*

WALTER CRAVEIRO

Faculdades Claretianas de São Paulo – Faculdade Aberta da Terceira Idade.

Concordamos ser necessário encarar os novos desafios propostos, mas entendemos que com eles devem coexistir atividades voltadas para a luta pela cidadania e garantia dos direitos, de maneira complementar e integrada às de lazer e socioculturais, que são *formas lúdicas de sociação*, fundamentais à natureza humana e bases da sociabilidade.

O resultado do trabalho coletivo desenvolvido com os idosos é de importância inquestionável e constitui relevante alternativa para a ressocialização, melhoria da qualidade de vida e redefinição de seu lugar na sociedade.

Universidades Abertas à Terceira Idade (Unatis)

Nas décadas de 1980 e 1990, as universidades brasileiras começaram a abrir espaço para programas de educação para adultos maduros e idosos, por meio das Universidades Abertas à Terceira Idade (Unatis),

cujo trabalho está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da sociabilidade e à educação permanente.

Esse tipo de educação se justifica por sua natureza potencializadora, por seu caráter de compensar lacunas do ensino formal, por favorecer o conhecimento a respeito do processo de envelhecimento, o engajamento social, o sentido de autoeficácia, o bem-estar subjetivo, a aproximação de gerações, a capacitação para exigir direitos e a autonomia de pensamento. Além disso, a educação é apontada como determinante de uma velhice bem-sucedida (Néri e Cachioni, 1999).

Cachioni (2003, p. 46) enfatiza que

> *a educação para adultos maduros e idosos deve pretender no mínimo incrementar os saberes e os conhecimentos práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo, e possibilitar o crescimento contínuo, as relações sociais e a participação social.*

Os programas das Unatis inserem-se no conceito de educação permanente proposto pela Unesco, como aquela em que o aprendizado deve fazer-se ao longo de todo o curso da vida, de modo constante, interativo e cumulativo, para acompanhar as mudanças rápidas e contínuas da sociedade moderna. As diferentes formas de educação têm de abranger os processos que levam aos indivíduos de todas as idades um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmos.

As instituições, tanto públicas quanto privadas, costumam oferecer os cursos como programas de extensão universitária, sem exigência de pré-requisitos de escolaridade, além da alfabetização, para pessoas acima de 45 anos. Estruturam-se em regime sequencial ou modular, em geral com disciplinas e atividades de conteúdo psicológico, sociológico e médico sobre o envelhecimento, atualização cultural, noções básicas sobre informática e atividades de lazer, físicas e de expressão artística.

Nas décadas de 1980 e 1990, as universidades brasileiras criaram programas de educação para adultos maduros e idosos, por meio das Unatis.

Cresce o número de universidades que se abrem à demanda desses segmentos etários, que as procuram com o objetivo de conviver socialmente, superar a ociosidade e o isolamento, preencher o tempo livre, trocar experiências, buscar novos meios de expressão e o enriquecimento intelectual, adquirir conhecimentos referentes à terceira fase da vida. Tais preocupações são características desse período evolutivo: completar-se como pessoa e viver em grupo, mantendo a sociabilidade e transmitindo sua experiência, ainda que para seus pares.

Não há dados estatísticos organizados sobre as características dos alunos, mas a maior frequência é do público feminino, com grande presença de donas de casa, de pessoas aposentadas e das classes média e alta. A escolaridade varia do ensino fundamental incompleto até o superior, e a faixa etária, dos 45 aos 80 anos.

WALTER CRAVEIRO

Faculdades Claretianas de São Paulo – Faculdade Aberta da Terceira Idade.

As grandes conquistas das Unatis se dão em dois planos, de acordo com Jordão Netto (2001, p. 60):

1. *No plano pessoal representam a possibilidade concreta que cada um tem de melhorar como indivíduo, passando a acreditar mais em si mesmo e redescobrir todo seu potencial para ir em busca de realização de seus sonhos, fazer e conquistar projetos de vida, de renascer, de reviver, de reencontrar alegria.*
2. *No plano coletivo representam a criação de um espaço efetivo de participação, onde o bem-estar com a vida e com a idade passa a ser compartilhado e, ao mesmo tempo, é um espaço de negação do envelhecimento na sua concepção antiga, quando esta etapa da vida era vista como um conjunto assustador de todo tipo de perdas, frustrações e falta de perspectivas.*

No processo de educação permanente perpassa o de socialização com base nas relações de gênero e idade, pois a presença mais marcante é a de mulheres de diferentes gerações, com idade variando entre a fase adulta e a velhice.

Associações de aposentados

O interesse pela questão dos aposentados passou a ganhar maior destaque em 1990, com a Constituição de 1988 e as transformações ocorridas na Previdência Social e nas políticas de aposentadoria, que tenderam à universalização de direitos.

Um dos marcos dessa visibilidade foi a criação das associações de aposentados. Organizadas nacionalmente, elas assumem o papel de interlocutoras políticas dos aposentados e pensionistas na reivindicação de garantia de direitos e manutenção do poder aquisitivo, envolvem-se na luta contra a imagem negativa desse segmento e estabelecem alianças com outros setores desfavorecidos da sociedade em defesa da distribuição de renda e dos direitos sociais perante o Estado.

Seu trabalho consiste na prestação de informações atualizadas sobre os direitos dos aposentados e na condução de processos contra a Previdência Social. Elas também publicam informativos e mobilizam a participação dos associados em manifestações por seus direitos, além de esporadicamente promover congressos, conferências e encontros.

Formas sistemáticas de sociabilidade, inovadoras e marcadas sobretudo pelo encontro intrageracional no espaço público, têm importância inquestionável.

Denunciando as injustiças sociais, o movimento trouxe à tona o modo de vida carente de muitos idosos e suas constantes agruras em filas diante de agências do INSS, nos corredores dos hospitais públicos e nas instituições de longa permanência.

A experiência de militantes nessas associações faz com que os indivíduos sejam representados coletivamente como aposentados ativos, ex-trabalhadores. Substitui a imagem de encargos para a família pela de provedores, engajados na luta que beneficiará todas as gerações e não apenas voltados à sobrevivência e satisfação pessoal. Ser militante da causa do aposentado não é ser idoso. Idoso é o outro por quem eles lutam para ajudar (Simões, 2004; Debert, 1999).

As associações mobilizam, em ampla maioria, o público masculino, em geral antigos sindicalistas, muitas vezes com pretensão de futura carreira política, e as raras mulheres que têm interesse por questões políticas queixam-se do machismo, que dificulta sua participação e o alcance de cargos de destaque. No entanto, cerceando a participação e colaboração das mulheres, perde-se a chance de criar possibilidades de vida pública mais democrática.

A dinâmica da participação nas associações estabelece laços sociais que envolvem convivência menos intensa entre os participantes, mas suas manifestações e reivindicações políticas beneficiam, em princípio, todos, qualquer que seja sua renda (Debert, 1999).

Atualmente as associações perderam espaço na cena política, porém continuam sendo formas de socialização, pois ser militante traz senso de pertencimento e afirmação. Constituem espaços coletivos, organizados de modo solidário, nos quais novas estratégias políticas permitem atuar em defesa de interesses e valores comuns quanto à questão dos direitos dos aposentados, pensionistas, idosos e, em consequência, de toda a sociedade.

Considerações

Essas formas sistemáticas de sociabilidade, inovadoras e marcadas sobretudo pelo encontro intrageracional no espaço público, são tendências crescentes e têm importância inquestionável. Elas, entretanto, não envolvem todos os idosos, mas sim importante parcela daqueles que usufruem o direito à aposentadoria, majoritariamente mulheres, que se beneficiaram da emancipação feminina, da autonomia e da igualdade de direitos entre os sexos, com maior poder de deliberação sobre a própria vida. São homens e mulheres saudáveis, dispostos a iniciar atividades novas, estabelecer contatos e reunir-se fora da família. Fazem parte de uma geração em sintonia com o tempo presente, reinventando os modos de envelhecer (Motta, 2004).

Tais experiências se traduzem, ainda, em oportunidade de trabalho para profissionais e técnicos envolvidos com a questão do idoso, que devem incentivar a manutenção dessas conquistas. Cabe-lhes também a tarefa de refletir com os centros, grupos, associações e universidades sobre a necessidade de uma integração social mais ampla para o alcance da cidadania plena, colaborando para que os passos seguintes sejam dados, ou seja, alcançar o convívio e a solidariedade entre as gerações nos espaços pú-

blico e privado e o estreitamento de forças pelo entrosamento mais efetivo entre diferentes grupos de idosos, favorecendo seu movimento social e político e a redefinição de seu lugar na sociedade.

Sugestões para atuação

- Efetue um levantamento sobre os grupos de trabalho existentes em sua cidade. Procure conhecer como estão organizados, os objetivos, quem os coordena, as atividades que desenvolvem. Coloque-se à disposição para colaborar e estude a melhor maneira de fazê-lo.
- Não existindo grupos, proponha-se nuclear um grupo de convivência de idosos, com os objetivos e metodologia sugeridos neste texto, localizando-os em igrejas, associações de bairro, centros de saúde, praças.
- Se um grupo for nucleado, depois de trabalhar propostas, expectativas e integração, introduza de maneira intercalada informação e discussão de assuntos concernentes à terceira fase da vida, às relações familiares e com outras gerações, aos direitos dos idosos, a temas da atualidade, entre outros, com atividades socioculturais e de lazer.
- Promova palestras, discussão de filmes, contos e poesias que apoiem as reflexões e ajudem no desenvolvimento do grupo.
- Existindo grupos de idosos com diferentes propósitos em funcionamento, proponha encontros regulares entre eles para promover a coesão em torno da causa do envelhecimento, o fortalecimento da identidade como grupo etário e posteriormente, se possível, a integração com grupos de outras faixas etárias, para fomentar a coeducação entre gerações.

Referências bibliográficas

Cachioni, M. *Quem educa os idosos?* Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.

_____. Universidades da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: Néri, A. L.; Debert, G. G. (Org.). *Velhice e sociedade.* Campinas: Papirus, 1999.

Debert, G. G. *A reinvenção da velhice*: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.

_____; Simões, J. A. A aposentadoria e a invenção da "terceira idade". In: Debert, G. G. (Org.). *Antropologia e velhice*: textos didáticos. Campinas: IFCH/Unicamp, 1994, p. 31-48.

Ferrigno, J. C. Grupos de reflexão sobre o envelhecimento: uma proposta de reconstrução da autonomia de homens e mulheres na terceira idade. *Gerontologia*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 27-33, 1998.

_____; Leite, M. L. B.; Abigalil, A. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do lazer ao exercício da cidadania. In: Freitas, E. V. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Jordão Netto, A. Universidade aberta para terceira idade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: Kachar, V. (Org.). *Longevidade*: novo desafio para educação. São Paulo: Cortez, 2001.

Moragas, M. R. *Gerontologia social*: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

Motta, A. B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: Peixoto, C. E. *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Néri, A. L.; Cachioni, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: Néri, A. L.; Debert, G. G. (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.

Simmel, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: Moraes Filho, E. *Sociologia.* São Paulo: Ática, 1983.

Simões, J. A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: Barros, Miriam M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. Provedores e militantes: imagem de homens aposentados na família e na vida pública. In: Peixoto, C. E. *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Socialização e participação dos idosos: o caso Sesc

Danilo Santos de Miranda

Danilo Santos de Miranda, sociólogo e especialista em ação cultural, é diretor do Departamento Regional do Serviço Social do Comércio no Estado de São Paulo (Sesc), instituição que atua nas áreas de cultura, esportes e lazer socioeducativo. Formado em Filosofia e Ciências Sociais, realizou estudos complementares de especialização na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e no Management Development Institute (Imede), de Lausanne (Suíça). Foi presidente continental da Federação Internacional de Esportes para Todos (FISpT), integrou o *Board* da World Leisure Recreation Association (WLRA). Presidente do Conselho Diretor do Fórum Cultural Mundial – São Paulo, em 2004, integrante da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura e conselheiro da Fundação Padre Anchieta, Rádio e TV Cultura. Atualmente, é conselheiro da Fundação Itaú Cultural, do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Instituto Cidadania Global e membro do Conselho Estadual de Segurança Alimentar. Membro do Comitê da Aliança Todos pela Educação e do Movimento Nossa São Paulo.

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Carlos Drummond de Andrade,
"Mãos dadas".

Breve histórico dos programas de cultura e lazer para idosos

A questão social das pessoas idosas no Brasil somente ganhou evidência nas últimas décadas. Até os anos 60, a discussão sobre as condições de idosos e aposentados não constava na agenda da sociedade brasileira. O Brasil ainda era visto como um país jovem. Havia pouco mais de 5% de pessoas acima de 60 anos. Por seu número relativamente reduzido e pelo isolamento social em que esse segmento etário se encontrava (e ainda se encontra, embora menos intensamente), os idosos não possuíam suficiente visibilidade.

ISABEL D'ELIA

Naquela época, as poucas ações sociais propostas para a população idosa tinham caráter assistencialista, suprindo apenas algumas carências básicas, como forma de minorar o sofrimento decorrente da pobreza e da doença. Essas ações confundiam-se, assim, com filantropia e, em sua maior parte, efetivavam-se por meio de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, com a finalidade exclusiva de garantir a sobrevivência física da pessoa idosa. Não havia, portanto, alternativas de convivência e participação para o idoso saudável física e mentalmente.

Embora ainda hoje persistam crônicas insuficiências na assistência tanto ao idoso saudável como ao doente, naquele momento, uma forte convergência de fatores acentuava a gravidade da situação, entre eles: inexistência de políticas governamentais para melhorar sua qualidade de vida; precárias condições culturais em prol de um envelhecimento sadio; baixas aposentadorias; inadequação das cidades às condições físicas dos idosos; transformação progressiva da família extensa para a família nuclear; e dificuldades de acesso a programas de cultura e lazer. Esse quadro, ao gerar sentimentos de solidão, insegurança e baixa autoestima, foi decisivo para a marginalização dos idosos.

Nesse contexto, em 1963, nasceu o Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo (Serviço Social do Comércio do Estado de São Paulo), programa pioneiro no país e possivelmente na América Latina. Nesse ano, um pequeno núcleo de aposentados do comércio foi formado na unidade do Sesc Carmo, na capital paulista. Um passo importante para essa iniciativa partiu de uma equipe de técnicos da entidade que, no ano anterior, em visita

MUJICA

MUJICA

NILTON SILVA

Sesc Santo André (esquerda) e Sesc Pompeia (direita).

aos Estados Unidos, conheceu equipamentos de lazer utilizados por pessoas dessa faixa etária.

Esse primeiro grupo de convivência foi chamado de "Carlos Malatesta", em homenagem ao assistente social, precocemente falecido, que o organizou, por meio de convites a comerciários aposentados que continuavam a fazer suas refeições no amplo restaurante daquele centro social e que ali permaneciam após o almoço, sem alternativas de preencher seu tempo livre. Além deles, aposentados das mais diversas profissões, enquanto aguardavam nas filas dos institutos de previdência da época o momento de receber o salário, foram convidados a participar do grupo, assim como idosos moradores da região. A todos eles restavam apenas os bancos das praças

Em 1963, nasceu o Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo, programa pioneiro no país e possivelmente na América Latina.

MUJICA

Sesc Santo André.

do centro velho de São Paulo, principalmente da praça da Sé e imediações, como locais para "ver a vida passar".

Comemorações de aniversário, bailes, festas, passeios e jogos de salão constituíram-se nas primeiras atividades de lazer. Ao mesmo tempo que as atividades se diversificavam, novos grupos iam surgindo em várias unidades do Sesc da capital e do interior de São Paulo e, posteriormente, em outros Estados.

O curioso é que, no início de seu funcionamento, o "Carlos Malatesta" foi exclusivamente masculino. Aos poucos, porém, as esposas dos participantes foram a ele se incorporando e hoje, como ocorre com todos os núcleos de terceira idade do país, as mulheres representam ampla maioria nesse grupo, decorrência do fenômeno que os cientistas sociais têm chamado de "feminilização da velhice".

Além da maior longevidade feminina, uma conjunção de outros fatores explica a supremacia numérica das idosas nessas nucleações. Os homens tendem a trabalhar por mais tempo. Muitos deles, aliás, além da necessidade de subsistência, supervalorizam o trabalho, não se permitindo momentos de lazer, atitude que os afasta dos centros e grupos de convivência. Certas atividades de lazer, como ginástica, dança, música, artesanato, teatro, podem ser consideradas "femininas" na avaliação de homens idosos com baixa escolaridade e pouca familiaridade com práticas culturais e artísticas.

Deve-se, ainda, levar em conta que, embora o perfil da pessoa idosa esteja mudando, os homens nessa fase da vida ocupam com maior desenvoltura os espaços públicos, como praças e bares. Já as mulheres idosas se sentem mais acolhidas e protegidas em grupos de convivência, como atestam inúmeros depoimentos, ressaltando o "ambiente familiar" e, portanto, mais seguro de instituições como o Sesc. Enquanto as mulheres constituem a maioria nos grupos de convivência, o número de homens é bem maior nas associações de aposentados e pensionistas de categorias profissionais principalmente masculinas.

A partir da década de 1980, o Sesc, atento às mudanças da sociedade e em face das exigências desse "novo idoso", incentivou a criação das Escolas Abertas da Terceira Idade.

A partir da década de 1980, o Sesc, atento às mudanças da sociedade e em face das exigências desse "novo idoso", após a constatação da necessidade de atualização e reciclagem de conhecimentos, incentivou a criação das Escolas Abertas da Terceira Idade, para que os mais idosos pudessem adquirir melhores condições de acompanhar as transformações políticas, econômicas e culturais de uma sociedade cada vez mais complexa. Essa iniciativa estimulou, nos anos seguintes, a criação das universi-

NILTON SILVA

dades abertas à terceira idade em inúmeras instituições privadas e públicas de ensino superior, hoje presentes em todo o Brasil. Seu objetivo, além da socialização, é incrementar os conhecimentos do idoso sobre si mesmo e sobre um mundo cada vez mais dinâmico.

Em decorrência dessas novas oportunidades educacionais, nas últimas décadas não somente o perfil demográfico do brasileiro mudou. A maior presença dos idosos nos espaços públicos não se deve apenas ao incremento demográfico desse contingente etário, mas também à mudança de comportamento dessas pessoas. Movidas pelo desejo de viver mais intensamente, elas se tornaram mais participantes, mais reivindicativas.

Os direitos conquistados pelos idosos em áreas fundamentais, como educação, saúde, previdência, habitação, transporte, cultura e lazer, entre outras, representam um expressivo avanço. Resta apenas, e não é pouco, que a legislação na qual constam tais direitos seja cumprida.

NILTON SILVA

Sesc Bauru.

Infelizmente, constata-se que, no Brasil, mais difícil do que a criação de leis é o rigoroso cumprimento delas, fato que se configura como um dos maiores obstáculos para o desenvolvimento social.

Dos anos 1990 para cá, o Sesc tem buscado sintonizar-se com uma nova conjuntura do envelhecimento no país. Partindo da constatação de que muitos idosos já atingiram certo grau de emancipação e alcançaram a satisfação de suas necessidades básicas, o Sesc-SP tem estimulado seus frequentadores da terceira idade a se engajar em trabalhos voluntários, principalmente aqueles voltados às camadas mais carentes da população.

Os núcleos de idosos se organizam em torno de atividades permanentes que incentivam o convívio e o desenvolvimento de habilidades nas relações interpessoais.

O trabalho em grupo como estratégia

Os trabalhos desenvolvidos em grupo exercem no idoso um poder restaurador da afetividade, da autoestima, da autoconfiança e até um sentimento de capacidade de retorno à atividade produtiva. A sensação de pertencimento, de fazer parte de um grupo, é fundamental para a pessoa idosa, como é, aliás, para qualquer uma. Mas, no idoso, essa necessidade pode se acentuar em face da exclusão que gradualmente passa a acompanhar seu processo de envelhecimento.

Os núcleos de idosos se organizam em torno de atividades permanentes que incentivam o convívio e o consequente desenvolvimento de habilidades nas relações interpessoais entre seus participantes. À medida que o trabalho em grupo é estruturado segundo interesses comuns, permite o aprendizado de novos conteúdos e viabiliza a troca de experiências, ato de suma importância para combater a marginalização social e contribuir para a participação e a autorrealização. O grupo possibilita compartilhar histórias individuais e construir uma história coletiva com base no confronto de valores e ideologias.

Propicia, ainda, o exercício de papéis, o enfrentamento de novos desafios e a busca da realização de sonhos comuns. A participação social do idoso se traduz pela oportunidade de estabelecer vínculos de amizade, compartilhando preocupações, angústias, sonhos e expectativas com aqueles que vivem problemática semelhante.

Objetivos do Trabalho Social com Idosos do Sesc-SP

Essa ação visa a buscar a efetiva inclusão e a valorização social, por meio de duas condições:

- Melhoria da qualidade de vida em seus múltiplos aspectos (material, econômico, emocional, cultural e social).
- Exercício pleno da cidadania, entendendo que esta é composta por direitos, mas também por deveres com a coletividade.

Mais especificamente, com esses objetivos, espera-se atingir os seguintes resultados:

- Socialização – Corresponde às necessidades associativas, de confraternização, de convívio com pessoas de hábitos e valores semelhantes, mediante diversas formas de encontro e atividades sociais,

Aulas de canto no Sesc Bertioga.

NILTON SILVA

culturais e recreativas. O sentimento de pertencer a um grupo é inerente e imprescindível a todo ser humano, e o grupo pode representar um canal de comunicação entre o idoso e a família.

- Atualização de conhecimentos – A ampliação do universo cultural, por meio do aumento de informações sobre o mundo atual, é estratégica para a inclusão do idoso, sobretudo em uma sociedade caracterizada por tão rápidas e profundas transformações.
- Desenvolvimento de novas habilidades – Em oficinas de criatividade, o idoso tem a oportunidade de desenvolver novos modos de expressão nas áreas de música, teatro, dança, artes plásticas e atividades corporais. Tais exercícios lhe possibilitam recuperar capacidades eventualmente reduzidas em decorrência do próprio processo de envelhecimento, dinamizando suas funções cognitivas, como memória, pensamento lógico e capacidade de aprendizagem.
- Reflexão sobre o envelhecimento – O conhecimento dos fatores determinantes do processo de envelhecimento em seus aspectos físico, psíquico e social é fundamental para uma satisfatória adaptação a essa fase da vida. A desmistificação de concepções pseudocientíficas (falsamente otimistas ou pessimistas) e o combate a mitos e preconceitos propiciam a segurança e o equilíbrio emocional necessários ao enfrentamento das perdas reais e, portanto, inevitáveis, típicas desse período. O conhecimento de si mesmo possibilita autonomia ao idoso.
- Desenvolvimento de novos projetos de vida – Contempla a reflexão sobre as amplas possibilidades de ocupação do tempo livre: atividades sociais, culturais, políticas, religiosas, de lazer, enfim, todas aquelas capazes de determinar uma nova fase de realizações. O trabalho voluntariado e até uma nova carreira profissional podem ser algumas delas, entre tantas.
- Integração às demais gerações – É facilitada por atividades conjuntas, nas quais o

NILTON SILVA

NILTON SILVA

Sesc Bertioga.

idoso tem a oportunidade do convívio com outras faixas etárias, ensinando e aprendendo com crianças, adolescentes e adultos mais jovens. A troca de experiências funciona como uma quebra de barreiras intergeracionais. Com o jovem, há que se cultivar uma cultura da tolerância em que prevaleça o respeito às diferenças.

Um novo programa: Sesc Gerações

Se, de um lado, os grupos de convivência de idosos têm o mérito de favorecer a formação de amizades, quebrando o isolamento social, de outro, com base em observações de determinados grupos, independentes ou vinculados a entidades, pode-se constatar o risco de um fechamento excessivo de tais grupos em si mesmos. Muitas associações de idosos não mantêm contato com outras faixas etárias. Algumas tendem a evitar interações com pessoas de outra geração, configurando-se em verdadeiros guetos etários.

Atualmente, é cada vez mais reafirmada a importância do contato com as gerações mais jovens, em virtude da preciosa oportunidade de aquisição de novos conhecimentos e valores da sociedade contemporânea. Então, é fundamental não apenas que as gerações, como dito antes, reafirmem sua identidade etária por meio de uma organização grupal, mas também que haja trocas de experiências intergeracionais, porque propiciam um processo de coeducação. Com esse objetivo, o Sesc-SP mantém, desde 2003, o programa Sesc Gerações, no qual idosos, crianças, adolescentes e adultos jovens compartilham atividades de teatro, música, informática e esportes, entre outras.

No programa Sesc Gerações, idosos, crianças, adolescentes e adultos jovens compartilham atividades de teatro, música, informática e esportes, entre outras.

A meta central das ações voltadas aos idosos é sua socialização, ou, como talvez seja mais correto dizer, sua ressocialização. Isso porque a maioria dessas pessoas teve intensa vida de relações sociais, empobrecida, posteriormente, por fenômenos como aposentadoria, emancipação dos filhos, viuvez, morte e distanciamento de parentes, amigos e vizinhos. Em qualquer parte do mundo, tais associações oferecem a preciosa oportunidade de

MUJICA

Sesc Santo André.

NILTON SILVA

Sesc Santana.

estabelecer vínculos afetivos e compartilhar preocupações, angústias, sonhos e desejos com aqueles que envelhecem. Centros de convivência e escolas abertas respondem à necessidade básica do ser humano, em qualquer fase da vida, de se sentir pertencendo a determinada geração. Assim como os adolescentes têm sua turma, também os idosos sentem essa necessidade e têm esse direito.

A educação pelo lazer e para o lazer

A programação do Sesc voltada aos idosos e a todas as demais faixas etárias objetiva a educação pelo lazer e para o lazer. Em outras palavras, busca dar condições às pessoas para que elas aprendam a ocupar de modo criativo seu tempo livre, tarefa difícil para muitos que só aprenderam a reconhecer o valor do trabalho. Além de atividades mais reflexivas e teóricas, os alunos da terceira idade têm, nas oficinas de criatividade, a oportunidade de um trabalho prático e de uma educação pelos jogos ou pela arte, atividades que se distinguem de um entretenimento passivo, como assistir à televisão.

O entretenimento, aliás, gera o risco de, se pouco pensado, não surtir o efeito desejado, de nem sequer ser lembrado. Uma propos-

NILTON SILVA

Sesc São José dos Campos.

MUJICA

Sesc Santo André.

ta socioeducativa implica o contato direto com os objetos e não apenas o manejo com as representações destes, característica constitutiva de um modelo intelectualista de educação. Para essa tarefa, as artes desempenham papel fundamental. É preciso viver a arte, caso se deseje ser permeado por ela, como tocar um instrumento, pintar ou dançar, entre outras formas de vivenciá-la.

A contribuição social das pessoas idosas

Quanto à participação dos idosos, é importante ressaltar que muitos dos que frequentam as programações do Sesc tornaram-se grandes líderes nos movimentos de terceira idade. Vários deles ocuparam cargos eletivos em organismos de defesa dos direitos do idoso, como o Conselho Municipal e o Conselho Estadual do Idoso de São Paulo.

Diante da significativa abertura dos idosos para a comunidade, concretizada por sua participação voluntária em campanhas de saúde e educativas, ajuda em asilos e solidariedade nas calamidades públicas, por exemplo, foi possível a criação de programas de Voluntariado para a Terceira Idade, fomentados pelo Sesc.

No que se refere à contribuição para a cultura, merece destaque o desenvolvimento dos idosos não apenas como consumidores de bens culturais, mas sobretudo como produtores de cultura, especialmente nos campos do teatro, da música e da dança. Por sua experiência de vida, eles têm desempenhado papel importante na preservação da memória. Participam de movimentos culturais e ecológicos, rememorando fatos históricos e transmitindo-os a outras gerações.

Considerações finais e perspectivas

As nucleações de pessoas idosas, em seus mais diversos formatos – grupos e centros de convivência, escolas, faculdades ou universidades abertas –, não representam mais atividades experimentais, mas sim uma realidade bem consolidada. As ações que estão sendo desenvolvidas com idosos têm resultado em significativas alternativas de ressocialização, de melhoria da qualidade de vida e de promoção da cidadania.

Considerando que participam desses grupos idosos independentes com potencial de autonomia, ou seja, que ainda não foram afetados de modo significativo por barreiras ou limites que inviabilizam sua participação na vida comunitária, investir nos cuidados adequados com esse segmento é, concretamente, fazer prevenção de forma transparente. Essa é a ação preconizada tanto pela Política Nacional do Idoso como pelo Estatuto do Idoso.

Quanto à participação feminina, uma vez que, evidentemente, o papel de protagonista sociopolítico também cabe às mulheres, mesmo

Sesc Bertioga.

que elas se sintam "em casa" nos grupos de convivência e nas escolas abertas, um dos objetivos do trabalho nesses grupos deve ser abrir-lhes o universo da política, fazendo-as sair de casa e viver experiências novas no plano coletivo, ou seja, promovendo uma mudança em seu estilo de vida. Trata-se da integração da mulher idosa a sua comunidade.

Já a participação masculina nesses grupos deve ser bastante estimulada, por meio de tais associações e de todas as outras formas possíveis. Infelizmente, muitos homens tendem a se aposentar não apenas do trabalho remunerado, mas também da vida social, fato gerador de inúmeros problemas físicos e psíquicos.

As ações desenvolvidas com idosos têm resultado em significativas alternativas de ressocialização, de melhoria da qualidade de vida e de promoção da cidadania.

NILTON SILVA

Sesc Pompeia.

O processo de educação do ser humano não é uma etapa vinculada exclusivamente à infância ou à juventude. Além de buscar novos conhecimentos, educar-se é, essencialmente, buscar novas experiências de vida na convivência com os outros, homens e mulheres, e na perspectiva de fazer valer a vontade coletiva. Sempre é tempo de ser sujeito da própria história.

A importância de um processo educacional continuado é justificada pela ideia de um "inacabamento" do ser humano. Diferentemente de outras espécies, ele nasce prematuro física e psiquicamente, e, além disso, ou por isso mesmo, ao longo da vida permanecerá para sempre inacabado. O ser humano jamais estará pronto, mas em constante processo de construção, de aprendizagem, até seu último suspiro.

Referências bibliográficas

Dumazedier, Joffre. *Sociologia empírica do lazer.* São Paulo: Perspectiva/Sesc SP, Coleção Debates, 1999.

Ferrigno, José Carlos. Centros e grupos de convivência de idosos: da conquista do direito ao lazer, ao exercício da cidadania. In: Freitas, Elizabete Viana de et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Head, Herbert. *A redenção do robô.* São Paulo: Summus, 1986.

Lapassade, Georges. *A entrada na vida.* Lisboa: Edições 70, 1975.

Lima, Cristina Rodrigues. *Programas intergeracionais*: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Campinas: Alínea, 2008.

Salgado, Marcelo Antonio. Escola aberta para idosos: uma nova abordagem socioeducativa. *Cadernos da Terceira Idade.* São Paulo: Sesc SP, n. 1, p. 19-24, abr. 1977.

Sesc SP. *O século da terceira idade.* São Paulo: Sesc SP, 2003.

FUNDAÇÃO
PADRE ANCHIETA

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

GOVERNO DE
SÃO PAULO